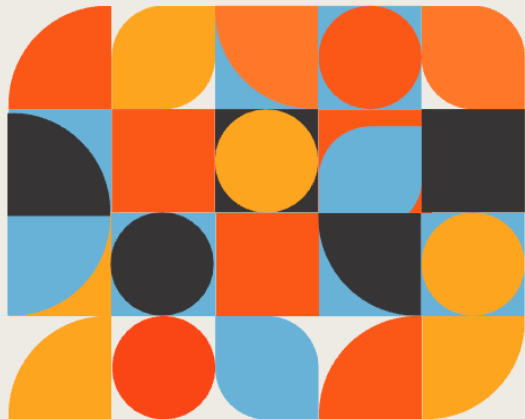




COSTURANDO COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: Orixás

Sewing with Afro-Brazilian culture: Orixás

Silva, Giovanna Izac; Bacharela; Universidade de Sorocaba, giovannaizac2@hotmail.com¹
Leme, Joey; Bacharelado; Universidade de Sorocaba, joeyleme03@gmail.com²
Okasaki, Aymê; PhD; Universidade de Sorocaba, ayme.okasaki@hotmail.com³

Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas⁴

Resumo: Este trabalho visa apresentar o projeto de extensão intitulado “Costurando com a cultura afro-brasileira: orixás”. Este projeto está em sua segunda edição, com foco na confecção de miniaturas de trajes de orixás. O projeto foi realizado em sua primeira e segunda edições, com bolsistas negros, bacharelados do curso de Moda. Com o intuito trazer certas questões sobre os Orixás para o nosso cotidiano, foi estudado doze Orixás e através de oficinas que desenvolvemos o projeto para os alunos de bacharelado em moda e público em geral.

Palavras-chave: Orixás; trajes; religiões afro-brasileiras.

Abstract: This work presents the extension project entitled "Sewing with Afro-Brazilian Culture: Orishas." This second edition of the project focuses on creating miniature Orisha costumes. The first and second editions of the project were conducted with Black scholarship students, undergraduate fashion students. Aiming to bring certain questions about the Orishas into our daily lives, we studied twelve Orishas, and through workshops, we developed the project for undergraduate fashion students and the general public.

Keywords: Orixás; costumes; Afro-Brazilian religions.

Introdução

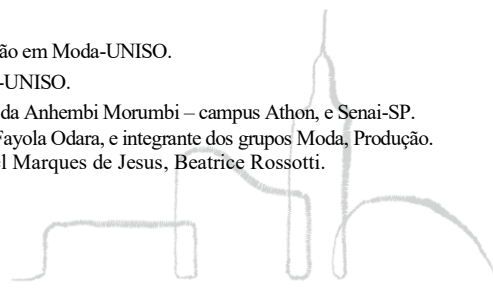
Este trabalho apresenta o projeto de extensão universitária do bacharelado em Moda, intitulado “Costurando com a cultura afro-brasileira: orixás”. Este projeto esteve em sua segunda edição, com foco na confecção de miniaturas de trajes de orixás. O projeto foi realizado em sua primeira e segunda edição, com bolsistas negros, bacharelados do curso de Moda. O objetivo foi construir um diálogo entre os discentes de moda, a comunidade universitária e comunidade externa, na forma da troca de experiências sobre costura e conhecimento

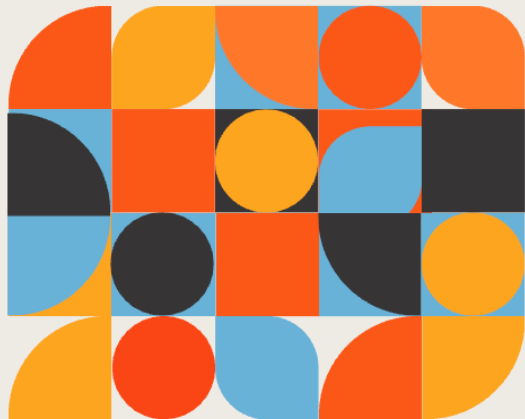
¹ Graduada em Fotografia (Esamc) e em Moda (Universidade de Sorocaba). Primeira bolsista negra no projeto de extensão em Moda-UNISO.

² Bacharelado em Moda (Universidade de Sorocaba). Primeiro bolsista homem negro no projeto de extensão em Moda-UNISO.

³ Docente no Bacharelado em Moda da Universidade de Sorocaba e nos Tecnólogos em Moda e Produção do Vestuário da Anhembi Morumbi – campus Athon, e Senai-SP. Bacharela e Mestra em Têxtil e Moda (USP) e Doutora em História Social (USP). Integrante líder do grupo de pesquisa Fayola Odara, e integrante dos grupos Moda, Produção.

⁴ Grupo composto por José Roberto Lima Santos, Marina de Mello e Souza, Eliany Cristina Ortiz Funari, Marcel Marques de Jesus, Beatrice Rossotti.





da cultura e religiosidade afro-brasileira, africanas e afro-diaspóricas, por meio de oficinas práticas, trazendo em foco o combate ao racismo religioso. Acionando pesquisadores do meio, o projeto se estruturou com base na autora Hanayrá Negreiros (2018).

Metodologia

No projeto, as oficinas foram de confecção de roupas em miniatura de divindades afro-brasileiras, os Orixás (divindades africanas dos povos Iorubás, que estão presentes em religiões brasileiras como o Candomblé e a Umbanda), como é possível visualizar na Figura 1. Durante a confecção das roupas, foram abertas rodas de debates para compreensão das religiões de matriz afro possuem na sociedade brasileira, como estas divindades são representadas no imaginário local, no contexto de uma cidade do interior paulista e em uma universidade católica, bem como o entendimento de quem são estas divindades, como símbolos culturais afro-brasileiros.

Figura 1: Oficina de miniatura do traje de Xangô.



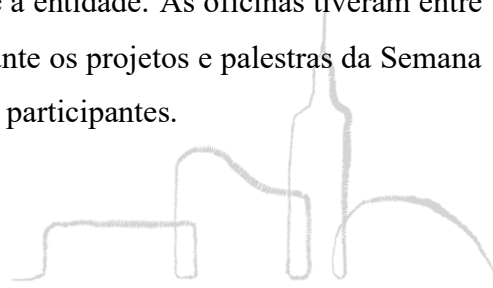
Fonte: dos autores, 2025.

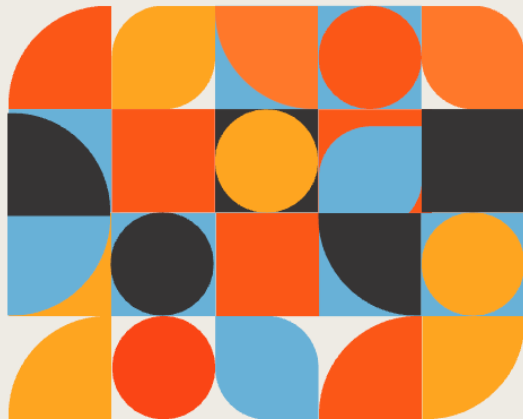
Projeto de Extensão

O projeto de extensão foi um trabalho acadêmico que visou a pesquisa e conhecimento sobre certas áreas propostas pela orientadora, com o incentivo de uma bolsa de estudos para. Costurando com a cultura Afro-brasileira: Orixás, foi desenvolvido pela orientadora do projeto, como parte de sua pesquisa de doutorado.

Orixás que abrem este xirê extensionista

Em sua primeira edição foi falado sobre seis orixás; Oxalá, Omolú, Nanã, Iemanjá, Exu e Xangô. E para cada um deles foi explicado sobre seu mito e incluso um tema que envolve a entidade. As oficinas tiveram entre dez e vinte alunos, com exceção da oficina de Iemanjá que aconteceu durante os projetos e palestras da Semana Consciência Negra da Universidade, que contou com o total de vinte e seis participantes.





Oxalá: quem veste saia?

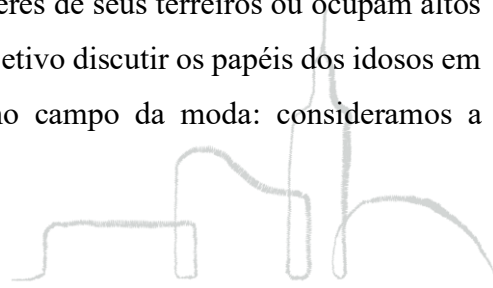
Buscando estabelecer conexões entre o conhecimento tradicional das religiões afro-brasileiras e a dimensão lúdica da costura, a oficina propôs a construção de vestimentas em miniatura para o orixá Oxalá (Negreiros, 2017). A divindade Oxalá possui duas versões: uma jovem, o guerreiro Oxaguiã, e uma idosa, Oxalufã, versão idosa usa uma saia longa. Segundo o mito, Oxalufã se vestia como uma divindade feminina, com uma saia longa, para adentrar um espaço reservado apenas aos orixás femininos (Prandi, 2001), com base nesse mito, a ideia era que as participantes da oficina debatessem o que consideram ser vestimentas femininas. E o questionamento que fizemos para essa oficina é: Os códigos de gênero nas vestimentas mudaram para elas ao longo do tempo? Por quais razões uma sociedade considera certas vestimentas femininas? A oficina aconteceu no dia 16 de agosto de 2023.

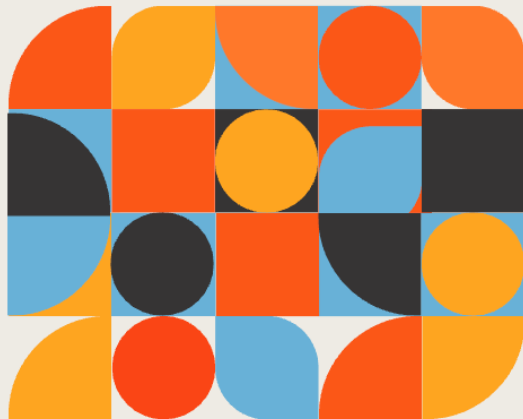
Omolu: fibras naturais e o processo de cura

Ele pertence à chamada família da palha, esta divindade, senhor das doenças, varíola e pragas, veste-se de palha para esconder e curar as marcas em sua pele causadas por sua doença, outros mitos dizem que a palha encobre a extrema beleza de Omolu (Santos, 2022). Para esta oficina, os participantes construíram as miniaturas de vestimentas utilizando materiais naturais, como a palha, a ideia era que os participantes se envolvessem com diferentes fibras, refletindo sobre os benefícios do uso de materiais naturais nas vestimentas. Um dos temas abordados foram os benefícios para a saúde e o bem-estar do uso de fibras vegetais naturais nas vestimentas, enquanto os participantes criavam as miniaturas de trajes.

Nanã: cada mais velho é uma biblioteca

Esta divindade é considerada o orixá mais antigo, o governante dos ancestrais; nas tradições religiosas afro-brasileiras e africanas, a senioridade é um princípio fundamental para a organização das comunidades. Indivíduos mais velhos, devido à sua experiência, também são os que possuem mais conhecimento, no Candomblé, por exemplo, mulheres mais velhas são frequentemente as líderes de seus terreiros ou ocupam altos cargos na hierarquia daquele candomblé. Assim, esta oficina teve como objetivo discutir os papéis dos idosos em nossa sociedade e a valorização que lhes é atribuída, especialmente no campo da moda: consideramos a





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

autoestima do público idoso ou apenas o seu conforto? Esse público é representado e acolhido no segmento da moda?

Iemanjá: o processo de branqueamento nas religiões afro-brasileiras

Possivelmente a orixá mais cultuada no Brasil, onde é padroeira das águas salgadas. Atualmente, a imagem mais reconhecida de Iemanjá no Brasil é uma escultura de uma mulher branca com longos cabelos negros e um longo vestido azul-claro. Movimentos contemporâneos de (re)africanização buscam resgatar a imagem de Iemanjá como uma mulher negra. Nesta oficina, discutimos como ocorreram esses processos de branqueamento e destacamos artistas que lutam pela retomada da imagem da Iemanjá Negra, como o artista amazonense Rodrigo Siqueira, que criou a imagem da Iemanjá Negra para a Casa do Rio Vermelho, em Salvador. A oficina aconteceu no dia 08 de novembro de 2023.

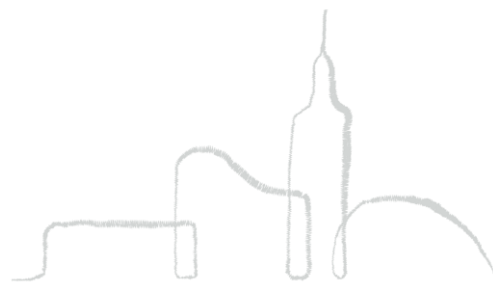
Exu: estética da encruzilhada e o racismo religioso

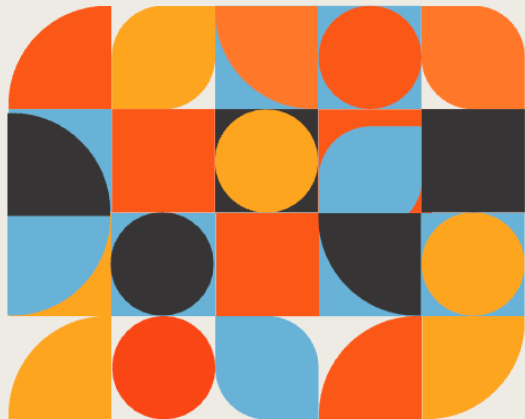
Nesta oficina o objetivo foi discutir e elevar a figura de Exu como uma divindade africana de “encruzilhadas estéticas”, segundo o conceito de Leda Maria Martins (2021), destacando confluências e misturas estético-visuais: suas cores, vestimentas e ferramentas resultam de influências estéticas brasileiras, africanas e europeias; buscando reforçar que ele é uma divindade afro-brasileira.

Xangô: costurando por uma justiça racial

O objetivo era traçar paralelos entre a vestimenta da divindade iorubá e as vestes dos oficiais do sistema judiciário, com peças como o capelo. Isso porque, tradicionalmente nos terreiros de candomblé, esse orixá é adornado com uma coroa na cabeça, simbolizando sua realeza; no entanto, algumas vestimentas podem apresentar um adorno que remete ao capelo usado pelos juízes do sistema judiciário ocidental, indicando esse senso de justiça da divindade africana. O adê, adorno de cabeça da divindade, pode vir com penas brancas, veludo e formato tubular baixo (Prandi, 2001). Ao evocar o capelo, evoca-se também esse símbolo de justiça na sociedade civil ocidental. A oficina aconteceu no dia 17 de maio de 2024.

Orixás que fecham este xirê extensionista





Em sua segunda edição as oficinas se aprofundaram, também, sobre 6 Orixás: Oxóssi, Iewá, Ossaim, Obá, Ogum e Irôco. Em cada oficina apresenta-se o mito do orixá abordado e um tema atual, que se conecta com o mito, para debates sobre moda, religiosidade e afrobrasilidade. Procurando estabelecer encontros entre os saberes tradicionais das religiosidades afro-brasileiras e a dimensão lúdica da costura, a oficina propõe a construção de vestimentas em tamanho miniaturizado dos Orixás (Negreiros, 2017).

Oxóssi: fauna e o vestir

Oxóssi é orixá caçador e rei da cidade de Queto (Santos, 2022). Oxóssi costuma ser vestido com tecidos com estampa de pele de animais. Estas padronagens possuem simbolismos em diferentes culturas africanas. Em 2020, a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz levantou um debate acerca do uso da “estampa de oncinha” no filme *Black is King*, em um artigo para a Folha de São Paulo¹, levando pesquisadores a retomarem quais os significados desta padronagem em distintas culturas africanas. Durante a oficina foi questionado aos participantes como a indústria da moda se relaciona com as peles e couro, e suas estampas. Podemos ver na Figura 2 a construção dos “pequenos axós”.

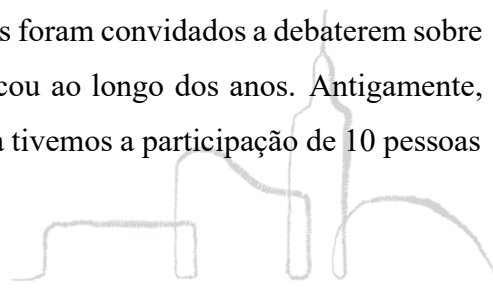
Figura 2: Axó de Oxóssi

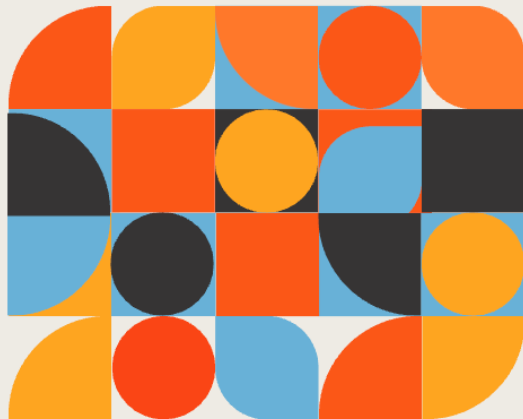


Fonte: dos autores, 2024.

Iewá: A mulher e o feminino

Em alguns mitos é irmã de Iansã, em outros aparece como irmã de Oxumarê. A divindade dos cemitérios, do horizonte, das fontes, também é caçadora (Prandi, 2001). Os participantes foram convidados a debaterem sobre o papel da mulher na indústria da moda, e o quanto este papel se modificou ao longo dos anos. Antigamente, alguns terreiros apenas iniciavam mulheres jovens para Iewá. Nessa oficina tivemos a participação de 10 pessoas





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sendo estudantes de moda, houve a troca de informações e o conhecimento sobre o papel da mulher na indústria da moda desde sua desvalorização a mulheres que transformaram e revolucionaram a moda, acerca disso a comparação de tratamento e reconhecimento com os homens nessa indústria pelo machismo.

Ossaim: Nada se faz sem folhas

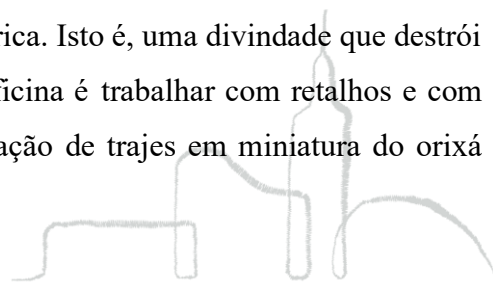
Divindade das folhas, ele carrega folhas naturais amarradas em seu corpo, como fonte da energia vital, do axé (Santos, 2022). Durante a oficina, foi discutido a importância das fibras vegetais para uma indústria têxtil mais sustentável. A oficina fez parte da programação da semana de consciência negra da universidade e teve a participação de 18 pessoas entre alunos e professores de moda e história e foi compreendido o quanto fibras vegetais impactam no meio ambiente e como sem as “folhas” e fibras vegetais, não existe indústria têxtil no Brasil, tendo como alusão o ditado popular de que “sem folhas, não existe candomblé”.

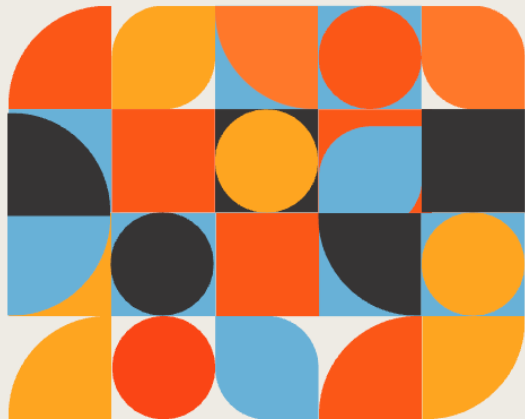
Obá: Amor próprio de uma guerreira

Rainha, também veste seu adê de cobre, com contas vermelha cobrindo o rosto. Normalmente em sua dança ela cobre a região da orelha, com seu escudo ou com a mão. Segundo o mito, Obá foi enganada por Oxum, que disse que o marido Xangô gostava de comer um pedaço de orelha. Para agradar Xangô, Obá cortou sua própria orelha e cozinhou para o marido (Prandi, 2001). Obá é uma divindade que nos faz refletir sobre amor-próprio. Nesta oficina, olhamos para alguns designers de moda que trabalham com o conceito de Conceição Evaristo chamado “escrivência”, isto é, escrever suas próprias vivências (Duarte; Nunes, 2020). Foram 17 pessoas participantes da oficina entre alunos de moda e funcionários da universidade, ela fez parte da semana de recepção dos calouros da universidade.

Ogum: (Re)construção

Sendo um orixá guerreiro e ferreiro, ele costuma utilizar um capacete ou elmo. Ogum costuma portar uma espada de ferro, bem como escudo (Santos, 2022). O escritor nigeriano Wole Soyinka (2019, p. 41; 53), aponta que Ogum é o orixá destruidor, mas também um gênio criador e deus da lírica. Isto é, uma divindade que destrói para reconstruir. Trazendo este processo de reconstrução, a ideia desta oficina é trabalhar com retalhos e com latinhas de alumínio que seriam descartadas, para reutilizá-las na (re)criação de trajés em miniatura do orixá





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ogum. Nessa oficina que fez parte da semana *Fashion Revolution*, a semana mais importante para o reconhecimento de uma moda mais sustentável, o número de participantes foram de 26 pessoas entre alunos de moda e convidados externos, foi discorrido a importância da sustentabilidade e a reutilização na moda, não só através de materiais convencionais, mas também a utilização de plástico, alumínio e outros materiais para a construção de vestuário e acessórios para a transformação do consumo excessivo em forma de reutilizar e reconstruir com matérias já existentes. A Figura 3 mostra uma das participantes com o Axó de Ogum em miniatura confeccionado.

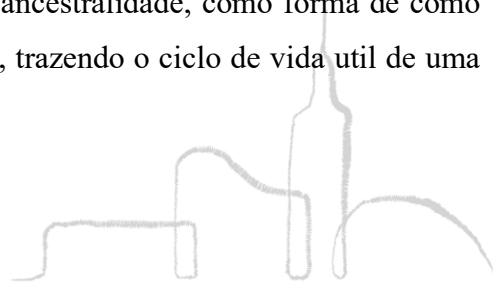
Figura 3: Axó de Ogum na semana *Fashion Revolution*

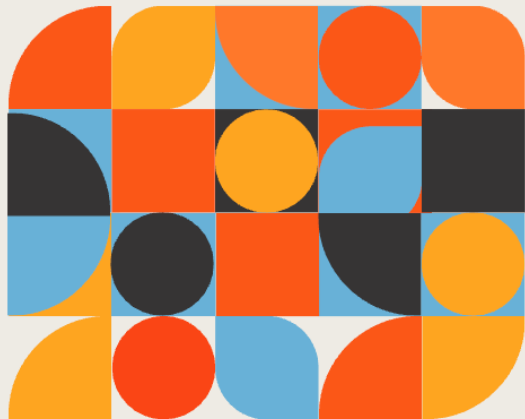


Fonte: dos autores, 2025.

Irôco: Reflexão sobre o tempo

De acordo com o pesquisador Roberto Santos (2022), Irôco, divindade do tempo, é representado pela árvore sagrada *Chlorophora excelsa*, da família *Moraceae* (árvore africana). O candomblé brasileiro adaptou o culto para a gameleira branca (*Ficus insipida*, da família *Moraceae*). Porém, os filhos de Irôco que vestem seus trajes e insígnias, são raros. A proposta é traçar paralelos entre a roupa da divindade iorubá e a relação que temos com o tempo. Essa oficina foi aplicada no MOBI (Um festival de Inovação, Criatividade e Sustentabilidade feito para impactar positivamente a vida das pessoas na Região Metropolitana da cidade) e teve a inscrição e participação de 15 pessoas entre alunos de moda, engenharia, história e relações internacionais da universidade, nela abordamos a perspectiva de quatro conceitos de tempo: O tempo de ancestralidade, como forma de como nos reconhecermos a partir dos nossos antepassados; e O tempo na moda, trazendo o ciclo de vida útil de uma peça através das tendências e maneiras de consumo.





Conclusão

Esse projeto tem como forma combater o racismo religioso através de oficinas, não catequéticas, que visam compartilhar a mitologia iorubá afro-brasileira de uma forma lúdica e interativa através de confecções dos trajes em miniatura da divindade apresentada e incorporando debates atuais para uma fácil compreensão e familiarização com o tema, sempre frisando que as religiões de matriz africana que são passadas de geração em geração, quase que, totalmente de forma oral tendo vários mitos e formas de culto, assim pode-se ter também a participação mútua dos participantes através da troca de conhecimentos tanto dos mitos quanto do assunto em paralelo abordado.

Pode se concluir que o objetivo do projeto foi alcançado, a partir de retornos dos participantes acerca do seu ponto de vista sobre o tema. Em unanimidade, as oficinas tiveram uma boa aprovação e foi considerada importante para o conhecimento e a quebra do tabu sobre religiões de matriz afrobrasileira.

Referências bibliográficas

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p. (Coleção Encruzilhada).

NEGREIROS, Hanayrá. *O axé nas roupas: indumentária e memórias negras no candomblé angola do Redandá*. 2017. 133. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTOS, José Roberto Lima. *Indumentárias de Orixás: arte, mito e moda no rito afro-brasileiro*. Orientadora: Marianna Francisca Martins Monteiro. Coorientadora: Marina de Melo e Souza. 2022. 483 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2022.

SOYINKA, Wole. *Beyond Aesthetics: Use, Abuse, and Dissonance in African Art Traditions*. New Haven: Yale University Press, 2019.

